GeoPUC – Revista da Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio
Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 79-92, jul.-dez. 2015

O CONCEITO DE PAISAGEM E SUA EXEMPLIFICAÇÃO PARA O ESTUDO DE FAVELAS EM ENCOSTAS

um breve apontamento

Juliana Bezerra Couto[i]
Mestranda em Geografia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre o conceito de paisagem, desde sua visão estética, até uma perspectiva totalizadora, no qual analisa a paisagem como um todo, indo além do que é visualizado em um momento. Para ilustrar como a paisagem é vista na cidade, empiricizamos tal conceito mediante uma breve análise sobre as favelas em áreas de encostas, relacionando a paisagem da favela e sua relação com o entorno e com a cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: paisagem; Geografia; favela; encosta; Rio de Janeiro.

THE CONCEPT OF LANDSCAPE AND ITS EXEMPLIFICATION FOR SLUM STUDY IN SLOPES: A BRIEF NOTE

Abstract

This paper has with goal to execute a literature review on the concept of landscape, from its aesthetic vision, to a totalizing perspective in which examines the landscape as a whole, going beyond what is visualized at a time. To illustrate how the landscape is seen in the city, we will make an empirical such a concept by a brief analysis of the slums in areas of slopes, linking the landscape of the slum and its relationship with the surroundings and the city of Rio de Janeiro.

Keywords: landscape; Geography; slum; slope; Rio de Janeiro.

[i] *Endereço institucional:*
Rua Marquês de São Vicente, n. 225. Edifício da Amizade, ala Frings, sl. F411. Gávea. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP: 22451-900.
Endereço eletrônico:
jubcouto@gmail.com

Introdução

O conceito de paisagem é considerado como um dos principais no estudo da Geografia. De acordo com Haesbaert (2014) ele se insere, juntamente com região, território, lugar e ambiente, numa constelação de conceitos que se interconectam através do conceito (ou categoria) principal de análise, o espaço geográfico.

Muitas vezes tal conceito é abordado apenas na sua perspectiva visual e exterior, o presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica a fim de verificar que tal abordagem se mostra como superficial, pois a paisagem necessita de interpretações, ela carrega traços que podem estar camuflados e que necessitam ser descobertos e percebidos, pois eles não são separados seja natural ou socialmente, eles são construídos culturalmente nessa relação sociedade e natureza.

Enfatizaremos também que a interpretação da paisagem depende do observador que a está fazendo, e assim toda interpretação será diferente da outra, não existindo uma interpretação única da paisagem.

E, por fim, exemplificaremos como o estudo da paisagem se mostra como essencial para interpretar a questão da favela na cidade, analisando suas estratégias de ocultação, bem como mostrar a complexidade que envolve a ocupação e o uso de paisagens nas encostas.

Decifrando a paisagem

Devemos primeiramente ir além da concepção do senso comum, que define paisagem como o espaço que nossa visão abarca em um determinado momento. Nela percebemos uma valorização da sua representação estética, representação esta que nos remete a uma imagem, um retrato, uma pintura, e assim, a origem de sua conceituação.

A ideia de paisagem vem desde a pintura, com destaque para o Renascimento que passou a pintar paisagens chamadas de primitivas e a partir do Romantismo a paisagem passou a ter papel principal na pintura. (SANSOLO, 2007). Além da pintura, ela também é comumente descrita através de fotografias, textos, dentre outros.

Porém a paisagem não é fixa, não é algo imutável, ela é subjetiva, deve ser interpretada, seja através do olhar, olfato, audição ou qualquer um dos outros sentidos humanos, indo além do que se está percebendo superficialmente, do que é visível, da sua representação. Deve-se buscar suas nuances e percepções, seus significados (inclusive simbólicos) e suas interpretações, ela é assim uma construção cultural com conteúdo, indo além do que é visível. Besse enfatiza essa ideia quando traz que

> Não se trata, portanto, de negar o visível, mas de lhe atribuir, além da experiência sensível que dele se pode fazer, um outro estatuto, uma outra função: o visível revela algo. Ele exprime. O que quer dizer que ele não é unicamente uma representação. (BESSE, 2006, p. 64)

Há também na perspectiva tradicional uma relação de distanciamento entre o observador e a paisagem, em que ela é vista através de um panorama, como se fosse visualizada de longe, de um ponto alto e por inteiro. Porém o que percebemos é que estamos totalmente integrados na paisagem, envolvidos na sua formulação e constituição, conforme Besse aborda

> Mas então, se a paisagem corresponde ao nosso envolvimento no mundo, isso quer dizer que ela não está longe de nós, no horizonte, mas que, ao contrário, ela está próxima, que nós estamos em contato com ela, que ela nos envolve, por assim dizer. (BESSE, 2014, p. 247)

A paisagem se mostra, portanto, na interação dos aspectos naturais, presentes em sua morfologia, e dos aspectos humanos, econômicos, sociais e culturais. Ela vista assim a partir da sua fisionomia, da sua totalidade, englobando não só o exterior, que seria sua expressão, como também seus aspectos internos, do qual se pode extrair significados e sentidos próprios.

Interessante também ressaltar que a paisagem depende dos interesses de quem está observando, ou seja, o olhar sobre a paisagem é afetado pelos interesses do sujeito que o está fazendo. Ele é vista sempre sob diferentes perspectivas e pontos de vista, dessa forma cada pessoa, em cada momento, terá um olhar diferente sobre a paisagem, podendo capturar características diferentes dela, e assim "[...] paisagem contém diferentes significados para diferentes expectadores" (MORIN, 2007, p. 323, tradução nossa). Ela pode mostrar ou ocultar aspectos da realidade, assim seu conteúdo pode não se relacionar com sua aparência. (SOUZA, 2013, p. 46)

Bertoli (2012, p. 10) corrobora com tal ideia nos trazendo a afirmação que a paisagem é uma experiência única, ela não será vista exatamente da mesma forma nem pelo mesmo observador, pois ela está em constante movimento e mudança. Ela ainda aborda a importância das memórias pré-estabelecidas, seja através de experiências ou imagens já vistas e/ou vividas, e que em conjunto compõem a interpretação da paisagem.

As representações da paisagem, por meio de pinturas ou fotografias, por exemplo, também podem ser carregadas de interesses ideológicos, levando a com-

preensão da paisagem apenas referente aos aspectos que o autor da representação quis deixar em destaque.

Souza (2013) aborda as estratégias de tornar invisível da paisagem determinados agentes e objetos tidos como indesejáveis, em que

> As estratégias de 'invisibilização' de agentes e práticas podem ser de dois grandes tipos:
>
> 1. 'Invisibilização' por meio da representação seletiva ou 'retocada' da paisagem (mediante a pintura, a fotografia, filmes etc.).
> 2. 'Invisibilização' por meio de intervenções no próprio substrato espacial material – ou seja, mediante uma reformatação da paisagem na própria realidade. (SOUZA, 2013, p. 52)

A partir dessas estratégias o autor da representação da paisagem consegue mostrar a paisagem da forma que ele deseja, no qual a aparência passada por ele não condiz com estritamente com a realidade daquele espaço.

Uma concepção diferente é vista em Metzger (2001) o qual aborda a paisagem como um 'mosaico heterogêneo' podendo, dependendo do seu uso, ser mais ou menos heterogêneo, e mais ou menos complexo na sua organização espacial. Ele destaca também a importância da escala no estudo da paisagem, do distanciamento com a paisagem, seja ela local, regional ou global, entendendo-as e relacionando-as. Em sua abordagem, privilegia muito a dimensão do visível, fragmentando a paisagem, indo contrariamente ao que defendemos que se deve ir além do que é observado na totalidade da paisagem, do que é exposto superficialmente.

A escala é vista por Solórzono, Oliveira e Guedes-Bruni (2009) como essencial para o estudo da paisagem, pois dependendo da recorte escalar, espacial ou temporal, a paisagem pode se mostrar totalmente diferente, tanto superficialmente quanto subjetivamente. Essa importância da escala para a paisagem se mostra fundamental, pois através da escala escolhida o observador seleciona a visualização do fenômeno, mostrando as variáveis que o observador deseja naquele determinado momento, funcionando como um verdadeiro recorte da paisagem.

Assim como vimos em Metzger, Forman (1995) também parte do conceito de uma paisagem fragmentada, voltando à ideia de que a paisagem é composta por mosaicos heterogêneos, que formam fronteiras, e exibem estrutura, função e mudança. Na visualização da paisagem esses mosaicos possuem usos do solo similares numa

área, porém ele acaba por enfatizar os aspectos físicos, deixando de lado as relações sociais. Aborda também que a escala espacial que interfere nas paisagens pode variar de anos até séculos, mas não dá a esse conceito sua devida importância de poder de escolha.

Apesar de enfatizar o aspecto físico da paisagem, quando coloca a paisagem como um conjunto de ecossistemas que interagem, Russell (1997) aborda também, uma característica essencial, a grande dificuldade em achar locais sem a influência humana, e que tais influências se acumulam na paisagem, e se superpõem umas as outras, com isso o Homem não pode ser uma característica a ser ignorada no estudo da paisagem. Porém ela generaliza essa ação do homem, e assim não destaca as diferenças existentes na ocupação humana.

Percebemos assim que não existe uma paisagem estritamente natural, toda paisagem é cultural, ela não é um dado, uma imagem pronta, ela é subjetiva, sujeita a variadas interpretações. O Homem está sempre presente na paisagem, sendo assim ela é sempre cultural ou humanizada, pois mesmo que o Homem não tenha interferido diretamente na paisagem (como na sua construção, por exemplo), ele a percebe, a influencia ou a interpreta (a paisagem não é intocada), interferindo, mesmo que indiretamente, nela. Enfatizando mais uma vez a interação da sociedade e da natureza na concepção de paisagem, pois não se pode nem negligenciar nem separar um do outro, em que atuam em conjunto na sua constituição.

Em uma perspectiva totalizadora, a geografia cultural de Berque (1998) analisa a paisagem como marca, em que implementa características no espaço, uma condição da paisagem, podendo ser descrita através de seus elementos constituintes, e como matriz, pois participa da cultura, da relação entre sociedade e natureza, com o espaço, sendo um produto. Quanto ao estudo da paisagem ele ainda complementa que

> O ponto de partida continua sendo, no caso, a descrição da paisagem enquanto dado perceptível; mas a explicação ultrapassa decididamente o campo do percebido, seja por abstração (uma função se define abstratamente), seja por mudança de escala no espaço (valendo-se de ordens de grandeza não perceptíveis pelo homem), ou no tempo (pela explicação histórica e geológica). (BERQUE, 1998, p. 85)

Ele ainda termina seu raciocínio através de uma interessante explicação sobre a paisagem que é considerada como "plurimodal (passiva-ativa-potencial etc.)", é ao mesmo tempo natural e humanizada (ou seja, cultural); mostra a importância da paisagem e do sujeito serem integrados mutuamente e estarem em conjunto, numa perspectiva fenomenológica; e mais uma vez enfatiza, como já abordado por outros autores, que a paisagem é impregnada de cultura (BERQUE, 1998, p. 86).

O sujeito também apresenta relevância em Holzer (1999), pois o homem é elemento da paisagem, e a observa, dando sentido a ela, superando assim a diferenciação entre sujeito e objeto.

Cosgrove (2004) aborda algumas características da paisagem que para ele são as mais relevantes: a paisagem como as formas visíveis, destacando assim sua aparência estética; a paisagem como unidade do meio ambiente; a paisagem como produto da intervenção humana; e que todas as paisagens são simbólicas, pois "são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem" (COSGROVE, 2004, p. 108). Enfatiza ainda a criação de uma geografia da paisagem por Sauer, que destaca as transformações realizadas pelo homem sobre a Terra. E, demonstra como vimos anteriormente, a possibilidade de diferentes leituras e interpretações sobre a paisagem, ressaltando que não existem interpretações certas ou erradas da paisagem.

A questão da interpretação da paisagem é um ponto a ser discutido, pois ela acaba por difundir a visão de um grupo dominante da sociedade (COSGROVE, 2004), assim muitas vezes reproduz ideologias e valores masculinos, brancos, burgueses e heterossexuais (MORIN, 2007, p. 329), deixando de lado outras visões de grupos de "minorias" (mulheres, negros, pobres etc.) que também fazem parte e são importantes para o estudo da paisagem, enfatizando a importância dos grupos dominantes:

> [...] paisagens são produtos sociais, a consequência de como as pessoas, particularmente o grupo dominante de pessoas, cria, representa e interpreta paisagens baseado na visão deles do mundo e em suas relações com os outros. (MORIN, 2007, p. 324, tradução nossa)

Morin (2007) ainda traz uma definição interessante de paisagem em que a relaciona com os processos ideológicos e sociais que ajudam a (re)produzir ou mudar as práticas sociais existentes, as relações e identidades sociais, enfatizando assim a

importância da paisagem para a vida em sociedade. Ressalta a importância dos aspectos materiais, ideológicos e simbólicos, tanto físicos e morfológicos quanto aqueles produzidos pelas relações sociais e pela interação entre essas relações e as representações materiais.

A importância do processo de transformação/interpretação da paisagem ao longo da história é analisado por Oliveira e Engemann (2011). Tais autores abordam a paisagem como documento histórico, interpretando o presente sem esquecer das escolhas do passado. Essa análise não deve ser limitada apenas aos aspectos naturais, devendo incluir assim a interferência das atividades humanas (que acabam por domesticar a paisagem, inserindo espécies exóticas nos ambientes). Sintetizando eles concluem que "Polissêmico por origem, a paisagem pode também ser considerada como uma estrutura espacial que resulta da interação entre processos naturais e atividades humanas". (OLIVEIRA; ENGEMANN, 2011, p. 17). Outro autor que ressalta essa importância da história da paisagem é Solórzono, Oliveira e Guedes-Bruni (2009), a fim de entender os processos atuais existentes da relação sociedade e natureza na paisagem, como o uso do solo, por exemplo.

Mesmo que essas marcas da atividade humana não sejam visíveis, toda paisagem vai ser cultural, pois ela foi identificada, apropriada e dominada, ela é um espaço socialmente construído. A paisagem tem o poder de mudança, pois depois de uma passagem de tempo se alterar e alterar totalmente seu uso.

Ab'Sáber (2003) continua a tratar do histórico da paisagem quando a vê como herança, tanto física como social. Tal herança pode vir tanto de processos antigos, como de processos mais recentes. Apesar do autor mostrar a importância do Homem, enquanto deve utilizar das paisagens terrestres de modo 'não-predatório', ele destaca os processos naturais e os aspectos físicos da paisagem em seu domínio morfoclimático, em que por vezes atribui usos existentes em cada um dos seus domínios.

Por fim, não podemos deixar de citar o processo de mercadificação da paisagem, no qual a paisagem se torna mercadoria, a ser vendida, e em uma sociedade capitalista, pequena parcela da população poderá comprar e consumir essa paisagem.

Uma breve exemplificação sobre a importância da paisagem para favelas em áreas de encostas

A questão que envolve as favelas está contida durante toda a evolução urbana, especialmente a da cidade do Rio de Janeiro. Abreu (2011) destaca que as favelas eram vistas, desde a época do Plano Agache, como problema social e de estética para a cidade (colocado até como uma doença para a mesma), e a remoção destas era entendida como a única solução, especialmente quando as favelas localizavam-se nas áreas mais nobres da cidade. A paisagem assim, enquanto sua definição do senso comum, a qual se relaciona com a estética, é considerada como o "problema" inicial para a cidade.

Abreu (2011) ainda mostra que a favela deveria fazer parte de um processo de intervenção do Estado frente a toda a cidade. Consoante a isso a questão da proliferação de favelas estava na necessidade do proletariado em residir nas proximidades de seu trabalho. Neste caso o Estado tem papel fundamental, por não oferecer as condições necessárias de moradia à população.

Dessa forma, as políticas públicas que envolvem o interesse em favelas revelam enormes conflitos em torno das moradias. Isso acontece devido à influência de múltiplos interesses nessas áreas, o interesse dos próprios moradores pelo seu lugar na cidade, e assim evolvendo a identidade que estes adquiriram ao longo do tempo com o território da favela; o interesse do Estado, em reduzir cada vez mais a extensão territorial das favelas, e removê-las da paisagem da cidade; o interesse do capital imobiliário em se apropriar cada vez mais das favelas, especialmente aquelas que estão situadas em localizações privilegiadas; e ainda outros interesses diversos.

A paisagem da favela atua assim como um problema, que deve ser escondido e até mesmo erradicado, como Souza (2013) abordou através das estratégias de 'invisibilização' da paisagem. Tal estratégia ocorre principalmente quando ela se encontra presente nas áreas mais abastadas da cidade, sendo ou apagada de cartões postais, numa estratégia abordada pelo autor como de 'invisibilização' seletiva, ou mesmo através de intervenções na própria parte física da paisagem, como nos casos de remoções de favelas (ex.: Praia do Pinto, Catacumba, etc.).

Quando um turista chega à cidade do Rio de Janeiro para visitação, olha em seu entorno e observa um grande número de favelas espalhadas por ela, ele não tem ideia da quantidade de subjetividade implícita naquela paisagem, em quantas relações sociais, relação entre a sociedade e natureza e relações simbólicas (intra-favela e entre favela × asfalto) estão implícitas naquele lugar.

As favelas tiveram muito de sua constituição devido à problemática da distância entre casa-trabalho, talvez o fator de maior influência do surgimento das favelas, o qual perdura até os dias atuais, devido às péssimas condições do transporte público coletivo e a impossibilidade da população arcar com seus custos de deslocamento.

Com isso, no final do século XIX, as encostas dos morros foram ocupadas pela população pobre, constituindo as principais favelas existentes no Rio de Janeiro, devido à ausência de moradias para abrigar essa camada popular (COMPANS, 2007). A autora menciona ainda, que desde então a problemática da remoção existe, com a ocorrência de diversas ações, muitas vezes exercidas de forma violenta. O gráfico abaixo mostra a contínua evolução da ocupação irregular das encostas da cidade do Rio de Janeiro.

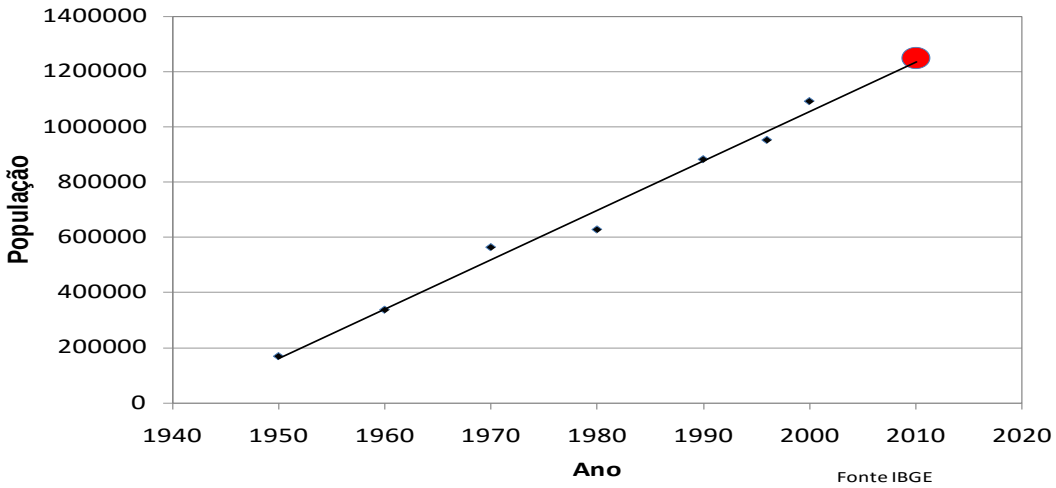

Figura 1: Gráfico da evolução da ocupação irregular nas encostas

Como abordado em Pereira e Silva (2011), é fato que a população de baixa renda, devido à sua impossibilidade de escolha de áreas bem localizadas (que já estão nas mãos da especulação imobiliária), termina por ocupar muitas vezes áreas, que do ponto de vista ambiental não deveriam ser ocupadas, como encostas e mar-

gens de rios, por exemplo. E no mais das vezes, ocupam terrenos ilegais, não inseridos no mercado formal, com habitações de baixa qualidade, e ainda sofrendo com a violência presente nas favelas, levada pelo tráfico de drogas. Maricato corrobora essa visão ao tratar que

> Não é por outra razão que as áreas ambientalmente frágeis, objeto de legislação preservacionista, 'sobram' para o assentamento residencial da população pobre. Nessas localizações, a lei impede a ocupação imobiliária: margens dos córregos, áreas de mangues, áreas de proteção ambiental, reservas. (MARICATO, 2003, p. 159)

Quando Ab'Sáber (2003, p. 17) discorre sobre seu domínio dos Mares de Morros, ele aborda o quanto é complexo e difícil realizar a ocupação deste, devido aos seus constantes processos erosivos e de "movimentos coletivos de solo". A área do Rio de Janeiro faz parte desse domínio morfoclimático e sente essa problemática da ocupação de forma latente, especialmente quando falamos da ocupação de encostas em áreas pobres, nas favelas.

A urbanização sem o devido planejamento, e a aceleração da ocupação das paisagens provenientes dessa urbanização sem controle, acabaram por multiplicar os problemas existentes. Paisagens já muito marcadas por uma complexidade inerente a sua morfologia, acabaram por ter sua complexidade agravada quando desmatadas e ocupadas sem necessário suporte do poder público.

Assim, a ação humana impulsiona o perigo nessas regiões, pois não só a precariedade das construções realizadas através da autoconstrução de moradias, sem nenhum estudo de engenharia, é vista como um problema, o risco é agravado ainda pela má gestão dos lugares, mediante o despejo de lixo nas encostas, a ausência de obras de drenagem e o encharcamento do terreno pela ausência de um sistema de água e esgoto eficientes.

Percebemos assim, que a relação intrínseca da paisagem, enquanto interação entre os aspectos naturais e sociais, privilegiando assim a cultura desse espaço, torna-se uma grande questão norteadora nessa temática. Pois não se pode separar a questão da moradia, do risco, e do espaço vivido pela população que ali habita, sendo uma problemática que deve ser analisada em conjunto, para que não ocorra prejuízo em nenhuma de suas múltiplas faces que estão totalmente integradas.

Cabe ao poder público utilizar de estratégias de mitigação e controle do risco, bem como promover uma política habitacional que valorize e dê suporte à população das favelas, valorizando-os como cidadãos da cidade.

Considerações finais

O estudo das paisagens está totalmente integrado ao cotidiano. Quando observamos a paisagem em uma praia, uma favela, uma floresta, ou mesmo no centro de uma grande cidade, com todos seus prédios e movimentação intensa, estamos percebendo a interação da sociedade e natureza, no qual o homem está totalmente inserido nela, não só na condição de observador, o sujeito, como também na condição do objeto, da paisagem.

A paisagem não deve ser considerada apenas através do que é percebido na visão, ela envolve todos os sentidos humanos. Ao chegarmos a uma praia, por exemplo, não iremos perceber a paisagem apenas pelo olhar, sentiremos a areia, através do tato, o cheio da maresia, com o olfato, dentre outras percepções.

Cada indivíduo interpreta a paisagem de uma maneira diferente a cada momento, a interpretação da paisagem nunca será a mesma, mesmo que feita pelo mesmo observador, sempre serão percebidas novas características em cada visualização.

Dessa forma a paisagem é cultura, ela carrega as impressões daquele sujeito/objeto. Sobre isso Berque esclarece (sintetizando todo o pensamento):

> De fato, o que está em causa não é somente a visão, mas todos os sentidos; não somente a percepção, mas todos os modos relação do indivíduo com o mundo; enfim, não é somente o indivíduo, mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando com isso um sentido à sua relação com o mundo [...]. (BERQUE, p. 87, 1998)

Ressaltamos ainda que toda paisagem não é só cultural como política, pois envolve relações de poder nessa interação entre sociedade e natureza, e na relação intrínseca entre o sujeito, o observador, e o objeto, a paisagem, que se envolvem em conjunto.

Percebemos assim, uma diferenciação do estudo da geografia da paisagem, em que se tem um distanciamento entre o sujeito, o observador, e o objeto, e uma

geografia na paisagem em que o homem está no interior da paisagem, participando de sua construção.

No que tange as favelas, percebemos que ao longo da história sempre foram consideradas como uma paisagem problema, que necessitavam ser escondidas ou retiradas da paisagem. Com a ocupação das encostas, e a inerente complexidade dessa ocupação, devido a sua morfologia e a processos naturais já existentes, esse problema se agravou, e a questão das favelas estarem em áreas que propiciam riscos acaba por servir como justificativa para a remoção das favelas na cidade.

Porém é fato que tal solução não é a melhor a ser adotada, deve-se através de políticas públicas que levem em consideração a justiça social, adotar medidas mitigadoras desse risco, tentando ao máximo permitir que a população continue habitando aquele local em que ela tem suas relações cotidianas e de pertencimento.

Concluímos, portanto, que o estudo da paisagem atua em toda a sociedade e que é muito mais do que apenas um olhar sobre o espaço, traz um conjunto de relações sociedade/natureza extremamente complexo e que deve ser interpretado e analisado.

Referências

AB'SÁBER, Aziz. **Os Domínios de Natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. São Paulo (SP): Ateliê Editorial, 2003.

ABREU, Maurício de A. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. 4. ed. Rio de Janeiro (RJ): IPP, 2011.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 1998. p. 84-91.

BERTOLI, Daiane. Da paisagem da imagem à imagem da paisagem e vice-versa. **Geosul**, Florianópolis (SC), v. 27, n. 53, p 7-22, jan.-jun. 2012.

BESSE, Jean Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia. São Paulo (SP): Perspectiva, 2006.

_____. Entre a geografia e a ética: a paisagem e a questão do bem-estar. Tradução de Eliane Kuvasney e Mônica Balestrin Nunes. **GeoUSP**, São Paulo (SP), v. 18, n. 2, p. 241-252, 2014.

COMPANS, Rose. A cidade contra a favela: a nova ameaça ambiental. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Rio de Janeiro (RJ), v. 9, n. 1, p. 83-99, maio 2007.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. Tradução de Olivia B. Lima da Silva. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 2004. p. 92-123.

FORMAN, Richard T. T. **Land mosaics**: the Ecology of Landscapes and Regions. Cambridge (RUN): Cambridge University, 1995.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 2014.

HOLZER, Werther. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Manifestações da cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 149-168.

MARICATO, Ermínia. Metrópole, legislação e desigualdade**. Estudos Avançados**, v. 17, n. 48, São Paulo (SP), p. 151-166, maio-ago. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n48/v17n48a13.pdf> Acesso em: 16 fev. 2014.

METZGER, Jean Paul. O que é ecologia de paisagens? **Biota Neotropica**, Campinas (SP), SP, v. 1, n. 1/2, p. 1-9, 2001.

MORIN, Karen M. Landscape and environment: representing and interpreting the world. In: HOLLOWAY, Sarah L.; RICE, Stephen P.; VALENTINE, Gill (Eds.). **Key concepts in Geography**. 6. ed. Londres (RUN): SAGE, 2007. p. 319-335.

OLIVEIRA, Rogério R. de; ENGEMANN, Carlos. História da paisagem e paisagens sem história: a presença humana na floresta atlântica do sudeste brasileiro. **Esboços**, Florianópois (SC), v. 18, n. 25, p. 9-31, ago. 2011.

PEREIRA, Gislene de Fátima; SILVA, Madianita N. da. Pobreza urbana e degradação ambiental: reflexões sobre o urbanismo de risco em Curitiba. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 14., 2011, Rio de Janeiro (RJ). **Anais**... Rio de Janeiro: ANPUR, 2011. sem paginação.

RUSSEL, Emily W. B. **People and land through time**: linking Ecology and History. New Haven (EUA): Yale University, 1997.

SANSOLO, Denis G. Significados da paisagem como categoria de análise geográfica. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 7. **Anais...** Niterói (RJ): UFF, 2007. sem paginação.

SOLÓRZANO, Alexandro; OLIVEIRA, Rogério R. de; GUEDES-BRUNI, Rejan R. Geografia, História e Ecologia: criando pontes para a interpretação da paisagem. **Ambiente & Sociedade**, Campinas (SP), v. 12, n. 1, p. 49-66, jan.-jul. 2009.

SOUZA, Marcelo L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 2013.

Recebido em 13 set. 2015;

Aceito em 11 set. 2016.